

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

António Francisco dos Santos

registada em 2008-09-17
por

Cláudia Simões e Joana Ribeiro

António Francisco dos Santos

Francisco Santos nasceu no Piódão. O pai era aquele homem que Francisco diz ser “serrano puro”. “Nasceu para viver e desenrasca-se um bocado em tudo, seja aqui, seja em qualquer lado.” Francisco foi para Lisboa, com 10 anos, numa excursão de Chãs d'Égua. Mas sempre teve a ideia que “era no Piódão que vinha parar” e em Fevereiro de 1987 regressou à aldeia. Durante o tempo em que esteve fora do Piódão fez um bocado de tudo, foi empregado de balcão, andou na distribuição na Margem Sul, trabalhou no Ribatejo, esteve no Alentejo e no Algarve e, por último, vivia no Seixal. Quando regressou para o Piódão, não havia trabalhos nenhuns e decidiu comprar uma cabrada. Actualmente trabalha como sapedor florestal.

Índice

Identificação António Francisco Santos.....	4
Ascendência Pai e Mãe.....	4
Casa Foi o meu bisavô que a fez em 1912, 1913 talvez.....	6
Educação "As pessoas vão-se formando lentamente por aí fora".....	8
Infância "As brincadeiras eram as novidades da época".....	9
Migração "Já íamos mesmo encomendados".....	10
Percurso profissional "Andei assim um bocado por aí fora".....	13
Ofício "Nem sempre aquilo que a gente faz é o que está estipulado".....	15
Costumes Tradições serranas.....	16
História "Não se chama Piódão porque é «pior do mundo»".....	19
Lugar Singularidades do Piódão.....	21
Religião "Acho que não devia ser tão repressão".....	26
Filosofia "Porque é que uma pessoa não pode ser livre?".....	27
Lazer "O meu tempo é telejornal, música na televisão e um debate se tenho tempo".....	29
Sonhos "Sonho com duas coisas: é ter ter uma cama e uma mesa".....	30

Identificação *António Francisco Santos*

O meu nome é António Francisco Santos, nascido mesmo no Piódão, freguesia do Piódão, concelho de Arganil, distrito de Coimbra.



António Francisco dos Santos (Serra do Açor, 1988)

Ascendência *Pai e Mãe*

"O meu pai era aquele homem que é serrano puro"

As recordações que tenho do meu pai é que é a pessoa com quem se lida diariamente em criança e depois por aí fora. Acho que é a relação mais bonita que há porque é assim: seja ele quem for, transmite a outro ser, que somos nós. Temos que o respeitar de qualquer maneira. A partir daí cada qual tem a sua relação. Mas o meu pai era aquele homem que eu digo que é serrano puro! É um homem que tanto faz na cozinha, como em casa, como na fazenda, como carpinteiro, pedreiro, sapateiro... Era aquele tipo que fazia tudo! O que precisava fazia.

Esse homem existiu, não era só o meu pai. Na época dele, talvez em 1920 e tal ou 1930, nasceram para aí muitos como ele. E eu digo que é o homem serrano

porque o que se fala agora que o homem tem que se desdobrar, tem que ter não sei quantas actividades, eu acho que o homem da serra sempre existiu assim. Fazia tudo! Se tinha um animal para matar, tinha que imaginar como é que havia de ser, tinha que o matar. É um homem prático! Nasceu para viver e desenrascasse um bocado em tudo, seja aqui, seja em qualquer lado. E não era só o meu pai. Eram outros povos que andaram cá antes de nós. Também tinham que se adaptar e saber estar onde estão. Uma pessoa vai para a cidade ou está lá, vai crescendo ali, vai vendo o que é aquilo. Aqui é a mesma coisa. Ainda cá há desse, por exemplo, eu e o meu vizinho, o Fernando. Serranos há muitos, mas o que eu considero um homem puro serrano é aquele tipo que, se for preciso imaginar que faz, faz, pronto! Pode ficar mal, mas faz na mesma. Ou, se calhar, o sapateiro que havia aí - pagavam-lhe bem - andava com uns ténis ou um sapatinho à medida? Não, aquilo era aquele formato, era sempre o mesmo. Hoje já há 47,5 ou 32,5 e tal. Antigamente não. O sapateiro metia aquilo numa forma, truca, truca, truca... Não era 41 ou quê. Se um tivesse o pé chato ou se o outro tivesse o dedo mais comprido, já era um problema grave, porque ele só fazia aquela medida. Andava com umas mais largas, então. Ninguém andava apertado.

O que é que fazia o meu pai? Era o que eles faziam todos: era andar aí com uma barra de ferro, com uma marreta e com uns guilhos (que hoje é um demolidor ou é uma máquina já) na construção das estradas.



António Francisco dos Santos (à esq.) acompanhado pelo pai, José Lopes dos Santos, e por Palmira Lourenço

"A minha mãe conseguia beber chá de folhas de oliveira verde"

Da minha mãe lembro-me assim outra pessoa. Não sabia ler. Era uma pessoa nervosa de natureza. Quando era miúdo, o meu pai nunca me bateu. Ela batia. Mas eu também era mau. A minha mãe conseguia beber chá de folhas de oliveira verde que só o cheiro é arrepiante, quanto mais estar a bebê-lo sem açúcar! Eu gosto de chás. Apanho chás puros, não é daqueles que são cavados, adubados e levam pesticida. É desses que nascem mesmo aí na serra. Só não apanho na estrada por causa do escape dos carros. Mas ela conseguia beber aquele chá assim. Pronto, é o que eu digo, é pessoas que não tinham cultura. Não é estar a ofender a minha mãe, nem as outras pessoas. Mas não tinha, porque nasceram naquela: em vez de ser a escola, era ali na igreja. Era uma pessoa que estava mentalizada para aquilo...



Gracinda da Piedade, mãe de António Francisco dos Santos, acompanhada por uma prima e pelo tio António (Fórnea, 1980)

Casa Foi o meu bisavô que a fez em 1912, 1913 talvez

A minha casa de miúdo não era muito má. Mas está já velha, porque foi o meu bisavô que a fez em 1912, 1913 talvez. Gastou 900 escudos! Mas era a maior casa que havia no Piódão! Era, já há maiores. É onde eu vivo agora. O meu bisavô foi sete anos para Lisboa. A pé lá para o outro lado, para o Seixal.

Havia lá uma fábrica da cortiça e havia aí alguns que iam a pé e vinham. Como ele esteve lá sete anos sem vir e tinha mulher, tinha filhos e tinha aí despesas, a mulher arrancou, foi lá ter com ele. Vieram os dois! Então ele trouxe o dinheiro. Depois foi para o Seminário do Fundão, foi fazê-lo, 14 anos. Começou-o de raiz. Não foi só o meu bisavô, foram muitos daqui da zona, que eram pedreiros. Esteve lá 14 anos. Porquê? Empenhou-se em 900 escudos para fazer a casa. Mas a coragem que havia no homem de antigamente. Eu hoje, por exemplo, com as facilidades bancárias que há, não ia meter-me numa aventura daquelas. Estar-me a empenhar toda a vida para nada... Ao fim ao cabo, quem gozou aquilo foram os filhos, os netos, os bisnetos...

Era uma casa que dava para todos e até tínhamos mais outras. Mas tínhamos quarto, por exemplo, para dois a dois. Havia aí alguns que não tinham mas, pronto, isto é aqui, é em todo o lado. Hoje, na África, dorme-se na rua, na Ásia, em Lisboa também. Portanto, acho que apanha a totalidade do planeta. Não é só no Piódão.

As casas antes da primeira intervenção do Piódão

Mas depois, claro, a casa levou mais transformações. Até há uma fotografia de 1958, a preto e branco ainda, que é espectáculo! Isso até era um postal. Acho que essa fotografia nem existe já aí. É a primeira intervenção do Piódão. Começaram as casas a crescerem mais, porque antes a maioria delas era tudo só um piso. Embora nas outras povoações, mais ali para o lado de Côja, haja aí uma casa ou outra onde o homem dormia por cima e o animal vivia por baixo, aqui na serra, Piódão, Chãs d'Égua, Malhada Chã, não. Aqui nunca se usou isso. Na povoação só havia dois ou três que, já depois mais tarde, a casa estava degradada, faziam daquilo uma arrumação para animais. Porque as pessoas aqui tinham casas de abrigo para os animais. Em toda a zona onde têm terrenos de cultivo, têm uma casa, um armazém agrícola ou assim. E as casas era tudo baixo. A primeira grande intervenção nisto foi quando as pessoas foram daqui para Lisboa em série, quando acabou os rebanhos e começou então a vir dinheiro e a haver melhores condições. Os homens iam para lá, mandavam e as mulheres aqui aferrolhavam dinheiro... Lá começavam então a subir a casita. É como hoje os africanos e os asiáticos que vêm para Portugal, para Espanha, para França, é a mesma coisa. Eu, por exemplo, conheço aí famílias que hoje estão bem, têm restaurantes na Ajuda, têm não sei que mais, mas que nasceram sete ou oito numa parte de casa que só tinha uma cozinha, um quarto e uma arrumaçõzita. Há ainda casas dessas no meio da povoação, em cima ao pé da Capela de São Pedro. São pequenas. Eu tenho lá uma também.

A arquitectura das casas demonstra também que o Piódão era uma comunidade. Há casas que têm uma parede ao meio e ao lado já é de outro. Porque eram casas de família. Houve quatro famílias principais que se instalaram no Piódão. Essa família ia crescendo e, então, iam fazendo mais um anexo ou mais uma casa posterior com a mesma parede. Ainda hoje se nota, nas casas e nos sítios, que as pessoas apegavam-se mais.

Educação "As pessoas vão-se formando lentamente por aí fora"

A escola era já uma casa de paredes rebocadas. Por baixo, o piso é que ainda era madeira. Era uma sala sempre fria à brava no Inverno! Eu, às vezes, até me espanta como é que hoje há pais que ainda vão, por exemplo, exigir porque é que o *chofer* do carro não foi levar o filho à porta da escola e não sei quê. Ponho-me assim a olhar e digo:

- Oiha, se fosses da minha altura, então é que era bonito!

No meu tempo, tinham que vir ali da Fórnea e da Malhada Chã a pé! Às vezes, a chover e com neve, com uma saca pela cabeça por aí abaixo. Quando lá chegavam, um gajo punha-se a olhar para eles. Isso era dificuldades mesmo! Hoje em dia, não, com dez anos, já traz três telemóveis, traz um mp3, traz não sei quê mais... Pronto, são as épocas. Eu acho que as pessoas dessa época tinham uma maneira de ver que a vida era difícil, era dura. Hoje não.

As professoras talvez não fossem más. A gente é que éramos maus na altura. Sei e vi porque eu também era um deles. Pronto, às vezes fazíamos com que as pessoas se arreliassem. Isso é lógico. Eu hoje em dia compreendo. Na apetecia-me era fazer diabruras. Hoje vejo um miúdo aí a fazer coisas e digo:

- Então! Isso não é novidade nenhuma!

Já a gente fazia. Mas, quer dizer, elas não eram más. Estavam era com uma finalidade, aturar, por exemplo, 80 pessoas da primeira, segunda, terceira e quarta classe e ter quatro disciplinas. E depois uns que não têm mesmo capacidade nenhuma para essas coisas, outros que são um problema, depois outros que não sei que mais. Se hoje uma sala com 13 ou com oito dá problemas, então na altura, com 80 ou quê, não era problemas, devia ser era uma carga deles! Eu acho que ainda houve alturas que era capaz de ter aí 50, 60 alunos. Era bem provável que houvesse.

Depois, como havia muitos nos Chãs d'Égua, passou uma professora para lá. Havia outra escola, na Malhada Chã, onde juntavam os alunos com outros de outra aldeia próxima. Só Fórnea e Tojo, parece-me, é que não têm escola. Vinham para o Piódão. Mais de resto, a Malhada Chã tem, o Chãs d'Égua tem,

todos têm escola aí. Mas isso também não foi sempre, foi fases. Não estou bem certo disso nem nunca vi mas, se houvesse talvez escola para 100 alunos, nesse ano estavam 130.

Mas também será que um tipo aprende muita coisa na escola? Aprende o básico. A partir daí a vida traz às pessoas aquilo que quer. Eu acho que as pessoas vão-se é formando lentamente por aí fora. Só não aprendem uns porque não querem, ou porque não sabem, ou porque não lhe interessa... Isso está na maneira de ser de cada pessoa.

Infância "As brincadeiras eram as novidades da época"

Quando era pequeno aquilo não se dizia que eram brincadeiras. Sei lá, era brutalidade mesmo! Eu lembro-me, por exemplo, que a gente para jogar à bola lá na escola, no coberto, o guarda-redes não tinha baliza. Um tipo mandava um chuto na bola, tinha que andar meio dia à procura dela! Depois, por rio a peito - a gente chama barroco ao ribeiro - havia as trutas, as enguias. Havia depois as épocas dos melros. Então, gente armava aí para os melros. Pronto, as brincadeiras eram aquelas coisas, as novidades da época. Acho que ainda hoje, quando é praia, vão para a praia. A gente tinha a neve, íamos para neve. Agora a neve, coitada, já não aparece aí.



António Francisco dos Santos (criança do lado direito, na fila superior) com um grupo de habitantes do Piódão, em 1965

Os brinquedos era o que havia aí, porque não havia dinheiro talvez para esse luxo de comprar nem para essas coisas. Havia aí as brincadeiras tradicionais. Chamavam-lhe o chincão ou não sei o quê: um tipo metia-se ali encostado uns aos outros, saltávamos para cima, truca, depois outro, depois outro... Pronto, eram brincadeiras da época e de não haver outras. Nós aqui também nunca podíamos acompanhar o que é uma brincadeira actual. Hoje em dia, se é novidade um DVD ou televisão, lá vão eles comprar. Aqui era sempre complicado, porque um tipo nem tinha dinheiro para isso, nem sabia o que é que saía.

Depois, embora seja um trabalho que não era assim muito pesado, a gente saía da escola, íamos buscar uma correia de lenha, uma saca de pinhas, ia-se deitar aí cabras e por aí fora. Não era andar aí a acartar baldes de pedra e massa, mas era trabalhar.

Migração "*Já íamos mesmo encomendados*"

Fui para Lisboa, com 10 anos, numa excursão de Chãs d'Égua. Eu, maluco por aí fora! O que me levou a ir era o que a todos levava. Não era a gente que queria. Saíam da quarta classe:

- "Vai-te embora."

Porque é lógico: não era só porque estava a casa sobrecarregada como também porque um tipo não tinha perspectiva. Na altura que eu fui, iam todos. Já tinham ido outros antes de mim e foram os outros todos depois. Não havia perspectiva no Piódão. Mas o meu irmão morava lá. Naquela altura, não era máfia que há agora de Leste ou quê, mas já íamos mesmo encomendados:

- "Tenho lá um irmão na terra. Saiu agora da escola e não sei que mais..."

- "Trá-lo lá!"

Pronto. Já tinha onde dormir, já tinha trabalho certo. Era uma altura assim: um tipo desempregava-se aqui e daí a uma hora já estava a trabalhar noutra parte. Hoje não. Se um tipo perde o emprego, anda ali meses à procura. Mas, nessa altura, o miúdo vai ser educado com os patrões, que são ou familiares, ou da zona, ou porque gostam de lá ter estas crianças. É lógico, a pessoa lá era bem tratada, fosse pelo patrão ou quê... Quando começava a sair já desses meios em que a pessoa era acolhida tipo familiar e ia já para outras dimensões maiores, então já havia respeito e mais coisas. Por exemplo, nos restaurantes, acho que era uma escravidão.

Eu fui para uma casa própria da pessoa para onde fui trabalhar. Aquilo era ali ao pé do Museu de Arte Antiga, entre o Príncipe e uma rua que vai lá para trás, para os palacetes, para o Marquês. Eles tinham ali uma casa que era um

prédio antigo, terceiro andar, da cidade de Lisboa. Depois, para trás, tinha tipo uns anexos, mas que eram casas na mesma onde viviam muitas pessoas até do Piódão. Tinham, por exemplo, uma sala, uma casa de banho, uma cozinha e dois quartos ou três. Na altura, podia até haver poucas casas como aquela. Era já tudo de quarto, terceiro andar só. Mas aquela não. Tinha um espaço grande onde tinham um jardim. Mas aquela casa já é muito antiga. Já foi um banco, agora é não sei o quê. Aos anos que não passo por lá.

O primeiro dia em Lisboa

Lembro-me de quando cheguei pela primeira vez lá às Janelas Verdes. Diz-me assim um senhor para mim:

- "Estás a ouvir? Olha ali aquele prédio! Vais ali, é no quarto andar!"

Eu ponho-me a olhar para ele e digo:

- Então, que é isso um quarto andar?

- "É aquelas janelas lá em cima!"

- Vá lá, mas é comigo! - digo eu.

Ele foi-me lá levar! É lógico, um tipo nunca tinha visto um quarto andar. E depois chegava lá, ia logo para o quarto andar. Isso era um choque grande! Não era só a mim, era a todos. Um tipo ir daqui dum meio destes já para uma cidade... E, quer dizer, o dia-a-dia da cidade lá era assim: um tipo ia a um café ou a uma cervejaria e diziam:

- "Olha, está aqui um novo. Este é do Minho."

- "Está lá o Zé. Este é não sei de onde."

Pronto, a rapaziada saía daqui com 9, 10 anos. Não ia para as obras. Era restaurantes ou cafés. Depois é que, mais tarde, já começavam a ter os irmãos noutros trabalhos e também iam. Por exemplo, a Lisnave empregou muitos dos que vieram da tropa na altura, como os meus irmãos e os da época deles. Depois esses levavam outros para lá, também para a CUF, meteram-se na estiva, ganharam dinheiro e por aí fora...

Razões para continuar a migrar e não voltar

Quando realmente se foram embora os últimos, em 1987, havia na aldeia, entre raparigas e rapazes, uns 20. Os rapazes trabalhavam nas obras e as raparigas, tinham para aí 17 anos, ainda estavam em casa dos pais. Começaram a atingir a maioridade e saturados, porque todos tinham uma televisão em casa e eles não tinham, também foram. Agora há trabalhos na pousada, há trabalhos aí

na igreja, há trabalhos em todo o lado para os de fora. Porque os de cá não estão cá e mesmo que algum venha (que eu duvido muito que alguém venha, porque vem um por outro de vez em quando, mas depois vai), nunca houve da parte da Câmara, da Junta, de Comissões ou sei lá quê isto de dizerem mesmo assim:

- "Eh pá, a gente vai apostar é numa coisa: têm direito a vir para cá os que são de cá!"

Embora muitos não sejam do Piódão, os que têm sangue da aldeia ou sejam filhos dos que lá nasceram, se têm opção, muitos deles até eram capaz de vir. Só que depois é a tal situação que é assim: há uma diferença grande logo na maneira de estar ou vir de um lado para o outro. Se um tipo está ambientado a um sítio 20 e tal anos, talvez não encare isto tudo muito bem, ou pensa que encara e depois não. Eu sei que é em todo o lado, mas devia de haver também uns trabalhos, assim uma coisa que fosse certa.

O regresso às origens 20 anos depois

Sinceramente, acho que quando saí daqui depois até me esqueci disto. Embora me lembrasse do Piódão e tivesse cá os meus pais (e ia vê-los quando lá iam a casa dos meus irmãos) não era complicado. Só que depois os meus irmãos foram todos criados numa zona. Ou seja, o mais velho casou-se, foi para o Alto de Moinho (faz parte ali entre o Seixal e Almada). Depois os outros, conforme casavam, saíam. Foram todos viver para lá para um andar, uma vivenda, e foram lá todos criados. Eu, nessa altura, parece-me que trabalhava ali no Calvário (ao pé de Alcântara). Só que eu não encarava bem aquele lado, não gostava daquilo. Agora é uma cidade, mas na altura aquilo era muita morto. Ainda fui um ano para lá e depois para o Barreiro. Era miúdo. Andei à minha vontade! Apareceu o 25 de Abril. Ora não havia ordem, não havia lei, não havia nada, um tipo ia por aí fora. Vive-se.

Mas eu sempre tive a ideia onde andasse que era no Piódão que eu vinha parar. Estava naquela mesmo de vir para aqui, porque sempre vivi na cidade e nunca gostei. Gostava sempre mais dos arredores ou da província. E província por província, é a minha terra! Embora tivesse uma fase talvez com 7, 8, 9, ou 10 anos sem nunca vir ao Piódão, onde estava dizia sempre:

- Qualquer dia vou para a minha terra. Qualquer dia vou para a minha terra.

Fez-me voltar aquela: "Se és bom, regressa que estás cá!". Pronto, e para cá vim em Fevereiro de 1987. Ou seja, enquanto a maioria das pessoas quer formar primeiro uma vida até aos 20 anos, casar, ter filhos, carro, casa e não sei que mais, para depois, aos 60, andarem aí todos coíso a pensar "Posso ir? Ou não

vou?", eu não. Fiz ao contrário: enquanto era novo gozei, passei pelo menos, e agora é que venho para ficar! Acho que é bonito assim.

Percurso profissional "*Andei assim um bocado por aí fora*"

Durante o tempo em que estive fora do Piódão fiz um bocado de tudo. Fui empregado de balcão, andei na distribuição na Margem Sul, trabalhei no Ribatejo, estive no Alentejo também um ano e tal a trabalhar, andei no Algarve a fazer estufas... E agora, ultimamente, vivia no Seixal, entre o Casal do Marco e Paio Pires. Andei assim um bocado por aí fora.

"Ninguém imaginava que eu me aguentava com uma cabrada"

Quando vim para o Piódão, não havia mesmo nada. Não havia trabalhos nenhuns, não havia nada e eu só imaginei:

- Para ali, só se me instalar. Mas em quê? Lá não há nada... Tem que ser com cabras.

Tinha 29 anos, comprei uma cabrada. Nunca ninguém imaginava que eu me aguentava aí com uma cabrada. Quando eu me pus a conversar com o meu pai, acho que vontade dele era mesmo eu estar cá, porque os meus pais já estavam a entrar numa fase da idade. Vim bem! Mas eu quando vinha aí era diferente dos outros... Até tive assim vários problemas quando instalei a cabrada.

Uma cabrada é um conjunto de cabras. Faz um rebanho de cabras. Cheguei a ter 140. Mas não era assim como hoje estamos a implantar aí na Associação de Compartes. As minhas cabras levavam aquela vida mesmo selvagens. Chegava lá de manhã, deitava-as para a rua, ia com elas por aí acima, lá para a serra. E depois é que vinha com elas à noite. Fosse Verão, Inverno, estivesse a chover, neve... Agora não. A gente está a vedar e a controlar aquilo em parques. Só que um tipo aqui sozinho nunca consegue fazer nada disso. Aqui é sempre difícil uma pessoa instalar-se como os que cá vêm. Embora todos temos terrenos, não são áreas consideráveis ou boas para aquela actividade. Mas a Associação, como ocupa o que é do povo, fica com uma área que dá para ter um rebanho controlado. Só que há diferenças. A cabra que é da serra mesmo, que só come o que é natural, é uma carne mais calcada, mais escura. Estas cabras que andam por baixo e, às vezes, comem umas coisas por fora ou assim, têm uma carne já mais mole.



A cabrada de António Francisco dos Santos (Penedos Altos, 1992)

Já não é da minha lembrança ver lobos. Mas é um animal natural de cá, tem direito a sobreviver. Agora raposas, sim. No último ano em que tive um rebanho, só uma raposa destruiu-me 28 cabritos! Deu um prejuízo... Eu andava aí com as cabras no meio do mato. Como o mato já era alto à brava, os mais pequenos ficavam para trás a brincar. As cabras passam e eles ficam lá entretidos a berrar com outro. Depois não se orientam bem. Alguns, que são espertos ou já têm a rotina, orientam-se pelo som das companhias. Há outros que não. Ficam ali à espera a berrar, mas as cabras passam, estão-se marimbando. Então, nem era preciso a raposa ir atrás deles. Ela dá sinal, eles vêm logo ter com ela. Porque estão perdidos e está ali alguém que os vai safar. Vêm um animal também, está logo uma salvação. Só que não pensam que é um animal que é perigoso. São inocentes. Imagine-se o que é, hoje em dia, uma criança aí com 6 ou 7 anos que vai para uma concentração grande (por exemplo, Fátima ou um evento qualquer em que há para 100 mil pessoas). A criança, sozinha no meio daquela confusão toda, fica em pânico! Hoje em dia, há notícia. Mas num animal, não.

Agora, por exemplo, com o lobo esse atacava mesmo em cheio. Até uma pessoa se fosse preciso. O lobo era um inimigo perigoso! Já não é do meu tempo, mas há até uma história de uma senhora, chamada Glória, se não me engano. Ainda me lembro da mulherzita já com idade. De dia mesmo, os lobos atacaram-lhe lá um rebanhozito que ela andava a guardar. Tinham fome e não havia comer aí na serra. Eles tinham que vir onde havia. Apareceu um lobo e, então, ele pegou num borrego de um lado, mas ela pegou do outro:

- "Largas ou não largas? Não largas ou largas?"

E ele largou! Foi-se embora! Mas também se diz que o outro atacou logo, mordeu, matou! Agora, eu não vi, não sei. O que se conta às vezes nem sempre é o que é verdade.

Ofício "Nem sempre aquilo que a gente faz é o que está estipulado"

Hoje sou sapador florestal. Eu não escolhi este trabalho. É o que uma pessoa realmente vê que é melhor. O estatuto que o sapador florestal tem é uma coisa que não está talvez bem enraizada. Embora já exista fundamentos, os sapadores ainda não têm aquela força própria deles. Nós somos formados no essencial: combater os incêndios. E prevenção dos incêndios também, ou seja, fazer faixas com contenção. Criou-se cá já 300 equipas e todos os anos a gente faz isso para o Estado, num espaço de tempo de 20 dias ou assim. Mesmo aquele que não tirou o curso ali vê o que é praticamente essa instituição. Eu ando com uma equipa e a gente anda a mondar, a destruir mato e na prevenção e combate dos incêndios. Nós aqui fazemos um bocado de tudo. Temos que nos habilitar. Por exemplo, se for preciso fazer umas paredes, fazemos paredes. Por acaso, tínhamos uma equipa em que cinco fazíamos parede, pedra e muros. Aqui no Piódão não, mas na Malhada Chã e em baixo na Costeira fizemos muros largos.

A base de existir a equipa do sapador é também silvo pastoral, que é a plantação de áreas. Só que o Estado não manda pôr, as pessoas também não mandam, porque não têm dinheiro, e isso assim é complicado. Depois, claro, cada equipa faz aquilo que a entidade, a Junta ou seja o que for, precisa. Por exemplo, há outras que trabalham propriamente para Câmaras em limpezas de bermas, faixas e essas coisas todas. Em Oliveira existe uma corporação dessas, mas tem uns sete, oito carros. Porque abrange uma zona onde ainda há grandes pomares, vinhas e uma área de pinhal controlado.

Portanto, os sapadores existem praticamente para isso. Só que nem sempre aquilo que a gente faz é o que está estipulado. Cada qual tem que se adaptar ao que há.

É um trabalho assim como outro qualquer. A gente pega às oito horas e já temos o dia destinado para aqui ou para acolá. Se agora mondamos, depois temos que queimar na altura própria. É preciso limpar aquilo mesmo que é por causa de rebanhos que andam lá. É trabalhar, mas é duro! Aquilo é duro mesmo! Não é só o dizer que anda lá oito horas com uma máquina na mão, ou com ela no ar, a cortar silvas e não sei quê. É um trabalho pesado. Os músculos até abrem. É como um tipo subir 300 metros de escadarias. Ou seja, o trabalho não cansa muito, cansa mais chegar lá. Um tipo, quando chega lá em baixo dos socalcos,

já vai mais partido do que o trabalho. E depois ainda tem de vir para cima com a máquina outra vez. É assim.

Costumes *Tradições serranas*

Olhares sobre as festas anuais das aldeias

Para as pessoas que estavam um ano à espera daquilo, a festa era um evento, um acontecimento monumental! Era miúdo, mas não ligava muito àquilo. Mas, claro, um tipo com 9, 10 anos está é a crescer e ainda a ver o que é. Era um acontecimento!

Depois, mais tarde, não. Nunca pensei que gostava das festas. Adaptei-me a ouvir músicas actuais e coisas que eu gostasse. Ainda hoje em dia gosto de música pesada, mesmo barulhenta. Depois do dia de trabalho, um tipo está a tomar banho, está ali barulho, seja Rolling Stones, seja Pink Floyd, seja o que for. Sinto-me bem. É a libertação do peso diário.

Bailes no Piódão, nunca. Nem sei dançar nem nunca dancei. Mas, quer dizer, agora mais tarde, quando para aqui vim, claro, ia às festas anuais das aldeias, porque eu trazia conjuntos que, na altura, eram bons. Havia conjuntos que não valiam nada, mas imitavam. Um tipo estava lá, estava bem. Agora não. Agora já é só acordeonistas e não sei o que mais. Isso a mim não diz nada. Não aprecio e nem tenho vida para isso. E conheço aí uma pessoa com 90 anos, que nunca saiu do Chãs d'Égua (embora fosse oito dias ou um mês ou talvez um ano aqui ou acolá) que já me tem dito:

- "Ó António, estás a ouvir? Eu acho que estas bandas filarmónicas é uma "charunfada" que aquilo nunca valeu nada!"

E eu ponho-me assim:

- Ó Tio Manel, você tem razão! É que eu nunca gostei daquilo. Sabe porquê? Aquilo é um sopra para um lado...

Diz um homem que tem 90 anos e nunca saiu daqui. Mas é o que ele diz: não havia cá rádio, não havia televisão, não havia nada... Daí um ano à espera daquilo. Quando aí apareciam, fizessem o que fizessem, aquilo era palmas... É lógico, isso é uma coisa que é natural. A gente imagina como eles andavam naquele tempo. Há mesmo até essa história, da altura dos meus irmãos, aí há 40 e tal anos, de irem para as festas. Não tinham televisão, não tinham rádio, andavam eles, seis meses antes, ali sempre a pensar:

- "Há uma festa na Mourísia! Uma festa na Mourísia!"

Hoje temos música em casa, temos televisão, mas eles não! O que é que eles tinham? Não tinham nada! Tinha a rua, à noite, onde conversavam uns com os outros ou tocavam uma concertina. Por exemplo, tenho um primo meu que é bom a tocar concertina, outro se calhar tocava uma guitarra. Mas aquilo também chateava. E então eles andavam naquela: o acontecimento era a festa! Aí três meses antes:

- "Ih, a gente vai dançar!"

Quando chega a altura, quando havia um acontecimento desses, já era de camisa branquinha e tinha que ser passada a ferro. É coisa que hoje em dia quase ninguém liga, mas eles era a camisa a ferro. Iam eles todos vaidosos para irem ver as raparigas, porque não se viam como hoje. Na altura, as das outras aldeias andavam meias sem se verem. Estou a imaginá-los: eles a serrarem e a imaginarem-se lá já a saltar de um lado para ou outro! Quando chegavam lá, estavam lá mais homens. Mas aquilo devia ser lindo. Dormiam lá nuns armazéns. E os pais estavam lá ao lado. Os meus irmãos e os meus primos, às vezes, em conversas, contavam essas histórias. Hoje em dia não é assim. A postura e a maneira de ser do homem hoje, 40 anos mais tarde, é totalmente diferente. Pois, se uma mudança de 40 anos é assim, daqui a mais 40 anos sei lá. Isto vai ser uma doídice! Lá está a diferença da diversão que havia nessa altura para hoje.

Brincadeiras de Carnaval

Tradições havia várias. Eu lembro-me que, na época dos meus irmãos quando era as Janeiras, vinham para aí todos e pegavam em dois paus. Iam para o forno e a gente ia atrás deles. Nós éramos pequenos, corriam com a gente! Também há aquela do Carnaval de andar a brincar. Fazia-se "fusquetas", de vários tipos e de vária imaginação, uns aos outros.

"O que é que anda aí!?"

Havia aí um homem que era o tio Manuel Romão. Era um homem que vivia sozinho. A pessoa, quando vive sozinho, torna-se solitário, porque não tinha rádio, não tinha televisão. Então, iam sempre para o banco onde o pessoal parava e ele estava ali a ouvir a conversa. Ele não estava lá, estava a dormir, mas estava a gravar tudo. E depois, claro, o pessoal não gostava muito daquilo, que já sabia como é que ele era. Era um tipo que nunca tinha ido a Lisboa e sabia as ruas todas de lá! Eu andei lá e não sei onde é que é as ruas e ele sabia sem lá ter ido, só de ouvir! O tipo memorizava bem. Aquele homem era demais!

Esse homem levantava-se sempre muito cedo. Um dia, já na época do meu irmão, fizeram um boneco em pano, foram à porta do homem e amarraram-no lá. De manhã, quando ele abriu a porta, levou com ele em cima. O homem fecha a porta e diz:

- "O que é que anda aí!?"

E ele era um homem alto à brava. Era um dos mais altos que havia!

Vamos lá pôr um espantalho na figueira

Havia brincadeiras que hoje em dia um tipo nem imagina. Por exemplo, irem daqui, às duas da manhã, pelo meio do mato fora, com um dia de lua (pois, senão caíam nos caminhos, porque não levavam pilhas) para irem meter um boneco numa figueira para arreliar uma mulher. Coitada, a mulher era de uma família pobre e, de manhã, levantava-se muito cedo para ir ao mato. Tinha lá uma figueira. E os figos aqui, no país e mesmo no mundo, acho que é um fruto de grande importância. Embora as pessoas não liguem, existem figueiras no Algarve, no Alentejo, no Ribatejo, no Norte, no Centro, em todo o lado. Então, eles lembraram-se:

- "Vamos lá pôr um espantalho na figueira. Ela de manhã, quando vai olhar para lá, anda lá pendurado."

Depois foi assim: três ou quatro tipos vão por aqui fora, às duas da manhã, com o espantalho. Ao passar a pousada, lá desceram uns pregões por aí abaixo. Como ainda a lua vai boa, o luar parece de dia. Chegam lá, vão até-lo na figueira. A mulher, de manhã, foi ao mato. Chegou lá no meio do mato, poisou à porta do curral, queria ir comer figos, olhou para a figueira, viu lá o gajo pendurado. Veio por ali fora:

- "Ah, meu malandro! Eu vou chamar o meu filho!"

Foi chamar o filho. Era o tio Fórnea. Coitado, já morreu um velhote com 90 e tal anos. Nessa altura, andava na tropa e estava a dormir em casa quando ela o chamou:

- "Ó Toino, ó toino, andam-me a roubar os figos! Ó Toino, vai depressa senão ele come-os todos!"

Ele vai por ali fora, chega lá, começa:

- "Ah meu malandro, que eu trato-te da saúde!"

Quando se aproximou da figueira, é que viu que era um espantalho. Há coisas lindas! Esta foi mesmo linda!

"A Páscoa era uma fase bonita"

As Páscoas eram mais lindas, porque havia sempre aquela casa onde havia amêndoas e aquela história toda. E um tipo, quando é miúdo, gosta daquilo. Ainda hoje os miúdos gostam de ir lá às portas e beijar quando vai a entrar a Cruz. Há lá umas amêndoas ou rebuçados. Se era bonito... A Páscoa era uma fase bonita tanto para mim como para os de idade. Esses iam dar a volta às aldeias, a levar o Menino Jesus e a trazer as prendas. Na altura da Páscoa, quando anda pelas quintas a Cruz a beijar, é sempre uma grande seita para trazer as ofertas. Agora as ofertas são em dinheiro. Mas, na altura, um era capaz de dar ovos, outro era capaz de dar queijo, outro dava não sei o quê. Então, iam uma data deles para trazer o cesto. Saíam de lá, vinham sempre com a cabeça cheia. Porque por onde passavam bebiam um copo. Chegavam aí com uma grande bebedeira! Quando vinham, às vezes, em vez de irem pelo caminho, já vinham pelos socalcos. Lá ficava o cesto. Ao outro dia lá tinham que ir buscar aquilo. Há histórias dessas e bonitas mesmo, mas eu já não acompanhei isso. Eu era mais ir a casa deste e daquele:

- Dá lá uma amêndoa!

A matança do porco

A matança do porco era sempre uma festa. As pessoas matavam o porco porque, tal como a gente apanha o ordenado ao fim do mês, aquilo era um bocado do orçamento deles para o ano. Então, era a tal: metiam na salmoura, numa arca com sal, e tinham o dia tal que era dedicado. Era o chispe - acho que era no dia de Carnaval ou coisa assim -, era o rabo, depois tinham o dia não sei quê... Só que havia partes da carne que ainda utilizavam para outras coisas. Por exemplo, a parte do lombo era para paios e para chouriços. As outras carnes talvez não dessem para transformar, porque tinha que ser de qualidade. Embora fossem pobres, se aquilo era para se fazer assim, eles realmente faziam bem. Depois lá vendiam um presunto ou dois para comprar o novo porco para o ano.

A matança é comunitária. Mas é uma coisa que também não mete assim muita mão-de-obra. A própria casa mantém o trabalho. Se for para fazer o enchido, a mãe e uma filha ou duas fazem. Eu faço isso também. Já tenho feito enchidos. Não fui cá criado, mas, se me der na cabeça, faço. Vi fazer uma vez ou duas, faço outra vez. Só que é uma coisa que não me diz assim muito, porque eu não gosto muito de salgados, seja chouriço, presunto.

História "Não se chama Piódão porque é «pior do mundo»"

Não sei porquê que meteram o nome de Piódão à aldeia. Há tipos que dizem que é palavra moura, como moinho e não sei quê. Mas, quando os Mouros vieram, já havia pessoas neste lugar. Uma coisa que é muito importante e que pouca gente de certeza sabe é que o homem veio para aqui e a única coisa que talvez tivesse era o que colhia, o que apanhava. Depois esses povos já grandes junto a esta baixa do rio, Avô, Ponte, Côja e por aí fora, formaram-se onde havia casas senhoriais que já tinham sido do senhor cavaleiro não sei de quantos. Cresceu tudo assim, porque eram, sei lá, tropa desses cavaleiros. Portanto, estamos a falar em 1000, talvez 1400, não sei. Depois o tal garimpeiro teve que se adaptar ao local. Portanto, os Mouros podiam-se adaptar também ao que já estava cá. Só que no tempo dos Mouros até não havia o Piódão. Podia haver vestígios de várias civilizações, mas acho que aqui até foi pouco dos Mouros. Embora passassem por aqui, eles andaram mais para o Sul. Isto era frio para eles. Agora Romanos e talvez Lusitanos, esses sim. Mas talvez ainda mais Visigodos ou coisa assim. Também andam aí vestígios deles.

O Piódão já era um sítio aí na altura de 1800. A povoação começou a crescer de baixo por aí acima. Então, nota-se logo na existência do Piódão as famílias próprias e mais poderosas, ou seja, as fundadoras do Piódão. Foi nas Casas Piódão. Eu já lá fui abaixo, onde está uma capela, e ainda vi os vestígios das casas que eram. Agora já desapareceu, mas eram coisas pequeninas. Dava-me impressão que aquilo que até era de cavalos. Talvez de animais para as cavalarias, quando iam às conquistas. Dizem que vieram cá por causa do mel, mas as pessoas habitaram foi nas quintas que tinham. Por exemplo, havia a família Santos, que ainda existe aí. Hoje eu vejo onde é que era a propriedade toda da família Santos, porque conheço isso tudo por aí abaixo e conheço também as famílias. Depois a outra ao lado era, por exemplo, da família Adrião. Mais tarde, vá lá, de 1700 até hoje, é que começou a haver mistura, a troca e não sei quantos. Mas ainda hoje se nota os traços da família tal ali. Tinha a casa de habitação e, se existem ruínas, estão lá mesmo, com a fogueira e aquelas coisas todas. Depois começou a haver pouco espaço, foram andando, andando, e nós ficámos cá altos. É onde eu gosto de estar.

Mas a aldeia não se chama Piódão porque é "pior do mundo" como se consta ou dizem. Isso não! Até é o melhor que há no mundo! Isto é Hollywood português! Porque é que chamam casaco a um casaco e ténis a uns ténis? O tipo veio para aqui, a pessoa, o criador imaginou:

- "Metemos Piódão!"

Pronto. Acho que não tem fundamento se é pior ou se Piódão é isto ou aquilo. Não sei, não interessa.

Lugar *Singularidades do Piódão*

Actividades e ofícios do Piódão

Geralmente havia, no Piódão, um alfaiate e um sapateiro. Um canasteiro, como seja os que hoje vendem aí esses cestinhos e cestas, havia quase em todas as aldeias e ainda hoje existem um ou dois talvez. Era também o matador de animais, porque eram pessoas próprias que matavam. Por exemplo, o meu pai matava porcos e cabras. Eu, se for preciso matar um porco, também mato. Não estou bem certo onde é que é. Agora uma cabra, uma ovelha, ou um coelho, mato. Depois, estas estradas todas era o pessoal de cá que fazia. Hoje vêm empreiteiros e não sei quantos de todo o lado fazer. Mas antigamente havia equipas, fosse de pedreiros, fosse de carpinteiros... Para fazer uma casa não era preciso vir cá o técnico ou o desenhador de Arganil. Não, eles próprios, com a experiência que já iam tendo dos anos, formaram as povoações.

No Tojo, quando nasceu o meu pai, o meu avô já tinha cento e tal animais. Mas havia outros que tinham mais. Já dava para ter até um empregado, um rapazito pequeno que talvez tivesse mais dificuldades na vida e, pronto, tinham-no ali. Mas também havia muito trabalho na aldeia. O pessoal conseguia trabalhar a serrar pinheiros. Agora é com uma motosserra mas, na altura, era um de um lado e outro do outro lado com uma ponta do serrote. Depois outros metiam o cavalete. As tábuas que se gastavam faziam-nas eles no Piódão.

Mas isso é em todo o lado praticamente, umas mais num sítio, outras mais noutra, porque depende dos recursos que as zonas têm. Embora dependessem da comunidade, as pessoas tinham que se preparar mesmo. Agora, na década de 1960, foi quando desapareceu mesmo tudo. E em todo o lado, não foi só aqui. Porque acabaram os rebanhos. Tinham animais, mas eram só dez, 18 talvez, para consumir, porque não tinham expansão para os criar. E a extracção do carvão, que foi talvez a primeira coisa que deu ânimo a todas estas povoações, também já não havia, era a resina.

"Onde é bom é para todos, onde é mau é para todos"

Isto em princípio era uma comunidade. A azeitona da Igreja, por exemplo, era comunitária. O pessoal juntava-se todo ao domingo a apanhá-la. As debulhas do milho também eram onde as pessoas mais se juntavam a ajudarem-se uns aos outros. O milho já existia também no Piódão - acho que na Europa tem, vá lá, cento e poucos anos - mas, nessa altura, o centeio é que era o forte das casas. Quando o milho e a batata vieram, mais tarde, o centeio já existia. Criou-se então aqui. Toda esta encosta da serra era cavada de sete em sete anos. Cavavam este ano aqui, no ano a seguir cavavam outro lado, porque todos têm terrenos nessas áreas. Eu acho que visão dos terrenos em si foi baseada assim: onde é bom é para todos, onde é mau é para todos. Muitos não compreendem, nem pensam, nem estão a imaginar porque é que aquele tem ali, o outro tem ali, todos temos terrenos. Era porque o que é bom é para todos e o que é mau é para todos! Não sei quem teve lá essa ideia, mas acho que foi uma coisa linda!

Então eles eram assim: chegavam ali, mondavam todo o mato daqueles sete anos, truca, truca, cavavam e faziam ali as sementeiras nesse ano. Ou seja, ao meterem lá o pão - a gente chama pão, mas aquilo é cevada ou trigo ou centeio - já estavam a fazer pastagens para os animais. É a tal história: às vezes uma coisa vem por bem, duas então são agradecidas. E isto era uma delas. Hoje em dia diz-se que há erva composta para o Verão, para o Inverno, mas não sei se isso aqui vingaria. O que vinga é que, ao plantarem o pão, a terra fica virada e nascem sempre novas ervas. Não era só pela nossa falta, ou seja, para terem depois comer, como era também para pastagens para os animais. Nessa altura, eram famílias grandes e tinham que produzir, ter queijo, criar porcos, criar galinhas, vender cabritos para depois comprar umas botas ou assim. Já não é aquela troca por troca ou do almocreve, mas quando se vendia um artigo, era basicamente para empatar noutro artigo. Hoje é só meter o cartão e receber o dinheiro, mas não era assim. Tinha-se que primeiro andar talvez um mês ou dois a imaginar e a ver o que era isso.

O comunitário era, por exemplo, haver famílias que, há 30 anos atrás, diziam:

- "Ah, vais-me ajudar a mim a sachar, a cavar."

Então, iam hoje para este, amanhã para aquele. O trabalho de cava era comunitário. Mais tarde, de há 30 anos para cá, já pagavam. Só que antigamente não. Era comunitário mesmo. Era:

- "Vamos a este, vamos àquele."

E todos os anos podia haver duas equipas ou três, formava-se aquele grupo anual. Era sempre aquilo ou porque eram primos, ou porque eram vizinhos, ou porque se davam bem.

E eu ainda me lembro que qualquer bocadinho que havia era plantado. Andavam as raparigas ou mulheres na sacha do milho também, porque o que a gente vê aí de socalcos era tudo plantado. Praticamente quem mais terras tivesse mais ganhava, porque cedia-as, mas em troca de quantidade de colheita. É lógico, se a pessoa só vivia do que colhia, quanto mais tinha mais recebia. Então, aquelas famílias dos grandes latifundiários da altura é que tinham os fornos e os moinhos. Em princípio são familiares. Por exemplo, há um moinho de 18 pessoas. Essas 18 pessoas são de herança do tipo que o fez. Já vai para os trisnetos, eu sei lá. O lagar era praticamente a mesma coisa. Era de uma família daqui do Piódão. O da Foz d'Égua era de outra família que era da parte da minha mãe também. Só que na Foz d'Égua a Igreja é que o começou. Depois acho que não teve capacidade para suportar e, como essa família tinha mais condições, acabou o lagar. Ainda hoje há lá uns tipos que são herdeiros naturais, mas agora acho que já venderam aquilo.

Memórias do tempo dos descalços

Antigamente calçavam o que havia. Era botas dessas que o sapateiro fazia aí. Na minha altura talvez não, mas na altura do meu pai, havia um sapateiro em cada aldeia. Fazia botas, tudo. Era a profissão dele. Ainda hoje existe aí um ou dois desses tradicionais a fazer aquelas botas duras. Um tipo calça aquilo, anda aí a subir e a descer, quando dá conta, tem os pés parece uma pedra, porque, é lógico, são duras. Hoje em dia o calçado é: um tipo vai por aí acima, leva os pés nuns ténis adequados, bota adequada e não sei quê. Mas, quando era com tamancos, aquilo nem dobrava. E a altura dos descalços, ainda que não há muito, em 1930 talvez. Faço ideia... Ainda havia aí muito pessoal descalço. Se um gajo, às vezes, até com um ténis, mete o pé e sente uma pedra que está para cima ou um espigo no mato, quanto mais esses descalços. Cuidado. Devia ser daquele duro mesmo! Agora já há carros bons na província. Antigamente tinham que andar a pé. Escravidão existe, mas naquela altura não sei... Não eram obrigados, mas tinha que ser assim.

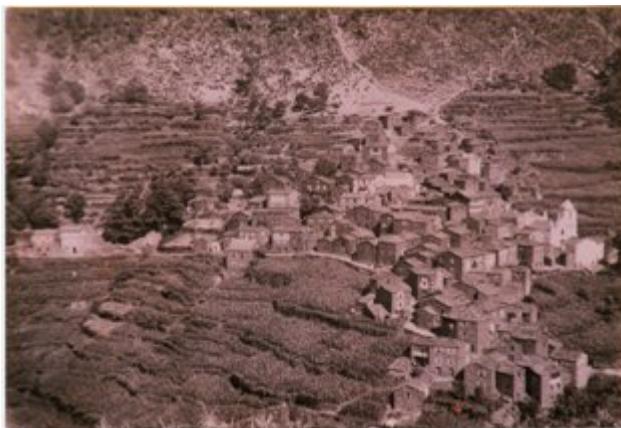
No Natal havia lá algumas prendas!? Aqui as prendas era assim: quando uma pessoa precisava de umas botas, o pai começava a olhar:

- "Eh pá, se calhar essas ainda duram mais um tempo com uns pontos."

E ele sacrificava-se a dar os pontos para não gastar dinheiro, porque não tinha. Na minha altura e até dos meus irmãos, já era uma fase em que se não

passava fome. Mas houve aí uma décadas atrás, talvez nos anos 1930, 1940, que foi mesmo a sério. Não só por causa da Guerra Mundial que era em todo o lado, como depois agravou-se com uma grande seca de sete anos. O meu pai disse-me que, no Tojo, chegaram a estar filas de dia e de noite no último nascente para apanhar água no cântaro. Porque os nascentes começam na serra, só que vão secando sempre de cima para baixo. E, com sete anos de seca, nós aqui somos logo os primeiros a ser atingidos. A gente não vai imaginar na história deles que passa ali uma veia, que vem do rio e vai para a Lagoa Grande da Serra da Estrela e que, se não chover, a água não cai nos nascentes. Eles baseavam-se que passava ali um túnel de água que vem do mar para a Serra da Estrela.

Já não estou a imaginar bem isso, mas lembro-me também que não havia electricidade, por exemplo. Os meus irmãos ainda são dessa altura. Não tinham televisão, não tinham rádio. Já me lembra que o primeiro rádio que aí houve foi enviado para o meu pai por um tipo que era embarcadiço. Foi para uma senhora, que ainda é viva, que é a tia Helena. Mas eram as rádios que aqui apanhavam. Via-se mal aí nas ruas. A gente andava sempre de noite, pimba! Mas já sabíamos que havia sempre uma janela com claridade, fosse do candeeiro ou fosse da fogueira. Andávamos aí às escuras nós? Não, um tipo já sabia quem era. Depois tinha que se ir à água aí à fonte e não tinham casas de banho ainda. Isso apareceu posteriormente, já quando eu saí daqui. Embora, na altura, já andassem a meter uma canalização de água, eu não acompanhei. Estive em Lisboa parece que uns dez anos sem cá vir, acho que foi nessa fase que veio a luz.



Vista panorâmica da aldeia de Piódão nos anos 60

Mitos, lendas e espíritos do outro mundo

As lendas da aldeia são as lendas que há quase em todo o lado. É a mesma história. É o lobisomem, é não sei quê... Dizem que a uma passagem de mudança de lua, um tipo varia, transforma-se num animal. Isso é que é o lobisomem. Mas não é só em Portugal, há muitos países que têm essa história. É como na Escócia o do Lago. Mas acho que isso é mito, uma coisa que as pessoas arranjam só para o miúdo, quando sai de casa, pensar. Ou seja, para meter medo. Aqui, por exemplo, havia a história que dizia que andavam um a regar. Quando deu conta, não vinha lá água. Ou que no moinho a água não chegava. Diziam que foram as bruxas ou que andava lá o mago e o outro do outro mundo.

Mas, às vezes, há pessoas que sentem mesmo. Na altura dos meus irmãos, os dois mais velhos - têm agora 60 anos -, muitos rapazes iam ali para os Chãs d'Égua. Casaram lá muitos. Então, não havia motas, não havia estradas, tinham que ir a pé. Ao passar ali por uma zona que se chama Barrocas, há um sítio que realmente até de dia mete um bocado de respeito quanto mais à noite e sozinho. É um sítio que fica ali atrás do cemitério. E aí, de noite, geralmente é onde há corujas, bufos reais (que são aves nocturnas de grande poderio) e esses animais. Até são capazes de viver 70 ou 100 anos. Ora, se estão todos os dias em casa deles, ali a imaginar o harém sossegado, quando passa ali qualquer coisa, eles têm que dar logo sinal. É lógico. Talvez o mito seja esse: mal os rapazes entravam além, na ponta do outeiro dos Chãs d'Égua para cá, a coruja ou o mocho ou fosse o que fosse talvez tivesse o sinal e eles entravam logo em pânico! Diziam que era o espírito ou qualquer coisa assim parecida. Por causa do susto e daquela coisa da ave talvez se mexer, um primo meu mandou-se lá para um poço onde estava água do Inverno. E depois é a história do outro que caiu e lá ter morrido ou o outro que fez e aconteceu. Um tipo, mal chega à ponta do outeiro, diz:

- "Pá, já não vou! Já não vou!"

Já não vai, não vai mesmo! E então voltavam para trás, iam dormir às palheiras, às arrumações dos animais, em cima no pasto onde passava ninguém.

O meu pai contava e toda a gente de idade conta, que para ir daqui para a Malhada Chã ou daqui para o Tojo faziam as travessias a pé de noite. O meu avô era um dos tipos que ia daqui para o Tojo a pé e sozinho! Metia-se-lhe na cabeça que tinha que ir e, mais um bagacito ali e outro lá, ia. Mas depois, a altura certa, se há esse acontecimento, é que também tem que haver imaginação da pessoa, saber estar. Só que eles entram em pânico. É como cair de um barco ao mar: a pessoa tem logo é o pânico. Mas, pronto, uma pessoa de bem ainda não viu muita coisa, mas de mal já se viu. E eu acredito nessa de que realmente existe o mal.

Não estou a ver o filme "O Exorcista", mas aqui no Piódão conta-se que tipos que morriam andavam a chatear outros por dívidas. Porque morriam e ficavam-lhe a dever dinheiro. Houve um problema desses com o pai de um que ainda está vivo. Segundo consta a história - não sei se é verdade, se não -, o marido de uma mulherzita pediu dinheiro a esse homem para construir a casa. Quando o pai morreu, não sabiam os outros irmãos. E, então, isso andava que foi um problema! Era o pai deste tipo do Piódão que andava a chateá-lo. Também acho que andaram em bruxedos lá com a mulher e o bruxo disse:

- "Ó pá, isso é dívidas! Enquanto não pagarem, não resolvem o problema!"

E o que é que acontece? Para resolver: a mulher tinha pago a casa. Se era disso ou não, não sei. Mas eu vi a mulher a fugir, que andava um atrás dela com um machado etal! Isto não é cérebro fraco das pessoas nem é loucuras momentâneas. Aquilo é mesmo qualquer coisa que anda ali a chatear.

Religião "*Acho que não devia ser tão repressão*"

Quando vim para o Piódão, vim bem. Encarei aquela: porque é que uma pessoa não há-de viver onde quer? Mas depois as pessoas encaram as coisas assim: eu não ia à missa, então, era o demónio! E esse é um pormenor muito mau da população da aldeia que eu nem sei dizer. A religião era um acontecimento. Hoje em dia já não, estou a falar no tempo dos meus irmãos. Nessa altura, as pessoas só vinham aqui ao domingo. Vinham do Torno, vinham da Foz d'Égua, mas mesmo as próprias pessoas aqui da povoação só ao domingo é que se encontravam na igreja. Durante o dia, tinham os seus afazeres numa ponta lá para o fundo da povoação. À noite a pessoa vem maçada, não há tabernas, não tem dinheiro, está em casa, vai para a cama. Então, ao domingo, veste a sua camisa branca engomada, vai para a igreja. Não é o acto de ir a uma missa, porque eu estou desconfiado que muitas das pessoas que lá vão saem sem saber o que é que o padre disse. É aquela coisa de se mostrarem que estão ali.

Há 20 anos, quando para aqui vim, se a missa era numa altura em que eu passasse no largo, eu olhava para a frente e via aí 40 ou 50 rapazes, homens, a falarem durante uma hora depois da missa. Eu punha-me assim:

- Olha, isto parece aqueles filmes de *cowboys* que eu via na televisão em que os gajos tinham o rancho ali e, ao domingo, iam beber uns copos à taberna e andavam lá aos pontapés e à cabeçada uns aos outros.

As coisas são assim e hoje, embora haja pessoal novo, o sistema é o mesmo. Eu sinceramente acredito que seja assim, porque eu conversava com o meu pai sobre isso. Perguntava-lhe:

- Ó pai, olhe lá, você acha que realmente esta coisa de ir à igreja, de acreditar naquilo, será alguma coisa?

- "Então, foi o que nos ensinaram. É aquilo que a gente tem que seguir!"

Ah, isso é bonito. Ensinaram-lhe, eles tiveram que seguir, não tiveram pensamento talvez. Todos tinham que fazer catequese, Crisma e essa coisa toda. E eu, embora não tivesse bem atenção, que aquilo não me dizia grande coisa, também não estava naquela que era mau ou que era bom. Nem tinha pensamentos dessa natureza na altura. Mas outro que tivesse tinha de ir também na onda para não ser posto de lado. Mas se o país também era um bocado assim, então aqui no Piódão, sem televisão, sem rádio, sem conhecimentos, era só o padre a dizer:

- "Tu tens que seguir isto, porque senão és mau! Se não fores à missa, tu és mau!"

Não sei se é boa se é má, mas as pessoas ficam tralalhadas logo à nascença. Têm que seguir. Ainda hoje o tipo que não vai à missa é mau! É inimigo! Não sou eu. São todos aqueles que não vão à missa. Isso foi sempre assim. Embora a igreja para mim seja um símbolo, acho que não devia ser tão repressão, o que na cidade já não era. Não digo que é uma perseguição, mas acho que a pessoa, quando começa a crescer e começa a ver estas coisas, diz:

- Eh pá, afinal o mundo não é assim!

Mas em si a igreja é um monumento que nós, o meu bisavô, o meu trisavô e não sei quantos contribuíram. Estão ali partes de terreno que eram da minha família. Uma trisavó da minha mãe doou um cordão de ouro que tinha por causa de uma promessa de um filho. Derreteram um cordão por um filho, atenção! Derreteram-no para fazer lá o efeito na coroa do santo. Santos há para lá todos. No Piódão é a Capela do Bom Parto em cima, a Senhora das Almas e o São Pedro. Mas de certeza que devem estar lá todos na igreja: o Santo António, o São João, o São Pedro... Não sei mas, quando saem com a procissão, é uma data deles! A igreja aqui existe e é uma das casas que tinha muitos terrenos, mas os bens que tem eram dídivas das pessoas. Até tem para aí coisas que se calhar ainda tem nome de pessoas ou nem tem nome. Porque nunca fizeram bem a história dos bens que a Igreja tem. Acho que agora estão a fazer isso. Portanto, para mim, a igreja é um símbolo, é um monumento que aí tenho, mais nada. Se houver lá uma despesa, eu também tenho que contribuir como os outros. Ninguém me vem exigir, mas está na minha disposição dar.

Filosofia "*Porque é que uma pessoa não pode ser livre?*"

Para ser sincero, não sou religioso. Nada! Não tenho simpatias nem pela muçulmana, nem pela cristã, nem pela budista, por nada. Porque, ao fim ao cabo,

cada qual gosta daquilo que é e eu acho que isso é uma maneira da pessoa encarar a vida. Não estou a ver aqui um fundamento de que há um símbolo que a gente tem que adorar, porque senão adorávamos aí tudo. Cada qual adora o que quer. Porque é que uma pessoa não pode ser livre? E agora, mais tarde, já estão a provar que realmente o mundo não foi criado por Deus, foi criado pela Natureza!

"A natureza é tão linda, mas é tão má"

Nem sei bem porque é que eu encaro aquela de um tipo ver o desenvolvimento da árvore. É a maneira de uma pessoa passar tempos. Eu também gosto, quando venho para casa, tomar banho, estar a fazer o comer e estar a ouvir música ou ver um telejornal ou uma coisa qualquer. Mas a gente tem tempo e espaço para tudo. E eu gosto de plantar castanheiros e tratar disso. Não é só castanheiros, tenho figueiras, tenho nogueiras, tenho de tudo um pouco e bastantes áreas até. Gosto de os ver crescer. Só que há aquela de um tipo chegar lá e:

- O vento partiu-me um diospireiro! Era o primeiro que estava a dar. O vento partiu-mo! Eh pá, mas será possível!?! Tantos que aí há! Vai-me partir aquele que está a dar? E os outros são bravos.

É isto. É a natureza a chatear! Passou ali uma onda de vento, tipo do Minho ou quê, partiu logo! É o único. Tenho lá oito ou nove, aquele é único que dá, porque os outros são bravos, arderam-me. Agora tenho que os enxertar. Não estive para me chatear com a natureza. Então, para isso, não saio de casa. A natureza está em todo o lado! Depois está aí um homem que já me disse tantas vezes:

- "Pá, tu és um parvo! Andas aí a trabalhar, a trabalhar, a plantar castanheiros, a fazer isto e aquilo, para quê? Tu se com o dinheiro que andas aí a derreter fosses para Côja ou para Arganil, era o melhor que fazias."

E é verdade. Porque um tipo aqui empata para nada. Um tipo planta uma árvore, vê-a crescer. É como se fosse, ver um filho a crescer, é a mesma coisa. Ir lá, tratar dela, regar, podar... Depois vem um incêndio, uma enxurrada e truca! Tau! Destroí dez, 15 anos de trabalho. Um tipo diz:

- Oh pá, realmente a natureza é um espectáculo! E é a coisa que eu mais adoro. Mas ela está sempre a estragar-me a vida!

É mesmo! A natureza é tão linda, mas é tão má! Seja para quem for. É o que nos dá tudo, mas também nos leva tudo!

"Gosto de ser neutro sempre"

Hoje não estou a ver que as pessoas do Piódão sejam serranas puras, nem que isto seja uma comunidade como em princípio era. Hoje lá está a tal coisa talvez porque as reformas viessem, começaram a olhar para aquele e a haver já mais desconfiança. Mas isso é como em todo o lado. É o seguimento da vida. Há sempre diferenças entre pessoas, uma porque é melhor, outra porque é mais compreensiva, outra porque é mais má, outra porque não quer saber. Isso é em todo o lado. Uma pessoa tem de estar bem com todos.

Só não encaro na maneira de ser das pessoas uma coisa talvez nociva: é a onda, ou seja, o ajuntamento! Quer dizer que pelo que um diz há seguimento. As vozes levantam-se: "Vamos todos!" É uma coisa sempre perigosa e má em qualquer lado, seja onde for. Mas então nestes meios é sempre pior. Não digo que andam aí grupos que se formam para combater. Mas há palavras: às vezes, porque o outro é sempre mau, porque o outro é bom... E depois forma-se então aquele bolo. Aqui há só duas famílias e um tipo ou tem que estar contra as duas ou tem que entrar numa para sempre. Não digo que seja do Piódão, deve ser em todo o lado. Mas eu gosto de ser neutro sempre. Gosto de andar sempre sozinho.

Lazer "O meu tempo é telejornal, música na televisão e um debate se tenho tempo"

Sou um tipo que gosto de tudo: figuras rupestres, antas... Agora já não ando tanto, mas gosto de andar sempre aí por a serra! Gosto de passar lá a noite, mesmo com grupos de pessoal. Só que também levo tempo, porque nem sempre lá vou. Mas, quando vou, dá-me para levar a máquina.

Já me filmaram. Aquilo era uma telenovela, mas foi só as primeiras imagens. O artista da televisão veio aqui meter-se com uma rapariga, o pai dela vinha em perseguição com uma caçadeira e com uns cães e era eu e uma data deles atrás dele. Era eu a perseguir o tal malandro que era o Passarinho. Acharam que a minha imagem ficava adequada para aquela cena. Não sei que história era, nem acompanhei, eu não gosto de ver telenovelas. O meu tempo é telejornal, música na televisão e um debate se tenho tempo ou se sei que há, porque nem sempre também estou informado.

Fiz duas reportagens já! Foi para o Primeiro (RTP1) quando vim para cá. Era sobre a minha existência, o meu trabalho... E foi agora, 14 anos depois.

Queriam saber o que é que a pessoa fez de lá para cá. E está programado para cinco ou seis anos mais tarde.

Sonhos "*Sonho com duas coisas: é ter ter uma cama e uma mesa*"

Uma coisa que eu gostava de ver aqui no Piódão, que nunca vai acontecer, era a pessoa ter liberdade. Nas outras terras, se uma pessoa decide que quer comprar uma casa, ou quer fazer uma casa, ou quer arranjar um quintal, faz. Gostava que não fosse preciso tanto tempo, tanta conversa. A pessoa perde tempo, perde dinheiro, desgasta-se fisicamente, enerva-se para depois não ter condições para fazer as coisas. Então, um tipo que nasce aqui não tem oportunidade e vem um de fora, que não é de cá, consegue? Por exemplo, a nível de construção civil, um tipo que vem de um lado qualquer, mete uma grua, faz um prédio. Aqui para fazer tem que andar às costas! Como a gente vê que isto é uma zona que é bonita ou que é boa, a construção aqui no meio da aldeia é capaz de ficar mais cara do que em Sintra ou em Cascais. Por isso, é que um tipo chega lá acima do Piódão e as casas, que já de início são pequenas, agora são pequenas e estão a cair. Porque vai-se gastar muito dinheiro numa coisa que não tem utilidade para nada, porque é só para ter um quarto e uma casa de banho. Pronto, as pessoas preferem deixar cair. Até no país acontecem coisas dessas. Um tipo que é empresário não consegue fazer uma coisa. Vem a multinacional, ou não sei quantos milionários, chega ali, tuca, tuca, faz lá! São mais 500 postos de trabalho. Então e o outro, se tem possibilidades de meter lá dois ou três, não é igual? Eu estou a dizer aqui ou em Côja, mas isso não deve ser a nível local. Se calhar é a nível ambiental. É o ambiente que anda poluído dessas ideias malucas.

Mas há uma coisa que é assim: arrepender-me do que fiz ou do que deixei de fazer nunca! Porque, se fiz, fiz. Tinha gosto em fazer ou era bonito. Se foi bom, se foi mau, não está em questão. Está em questão que a pessoa fez, pronto. Isso é que é bonito. Agora sonhos... Uma pessoa sonha com tanta coisa! Mas eu sonho com duas coisas: é ter ter uma cama e uma mesa! A coisa que é mais essencial para a pessoa é essa. É ter uma cama e uma mesa, ou seja, uma casa onde possa viver. O resto que se lixe! Não tenho coisa de ser o fulano tal ou ter um Mercedes, nunca tive isso. Eu tive foi tendas de campismo sempre às costas para onde ia. Isso está bem.